

O QUE SABEMOS SOBRE EMPATIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA ACADÊMICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA LUISA DA SILVA SOUZA

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF,
analuisa.laginha@hotmail.com ;

FRANCIELA FÉLIX DE CARVALHO MONTE

Doutora em Psicologia Cognitiva. Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia pela Universidade
de Pernambuco Campus Petrolina, - UPE, franciela.monte@upe.br

RESUMO

A empatia pode ser compreendida como a capacidade cognitiva e afetiva de colocar-se no lugar do outro, necessária para a vida em sociedade. Assim sendo, este artigo relata uma revisão sistemática da literatura acadêmica publicada sobre o tema. Tal pesquisa teve como objetivo geral realizar uma revisão de literatura acadêmica publicada em língua portuguesa sobre a temática da empatia. Buscou-se, ainda, discutir a conceituação do tema, identificar os principais temas investigados na literatura da área, bem como os principais instrumentos utilizados para a avaliação da empatia. A pesquisa foi realizada no Portal de Periódicos da Capes, utilizando-se o par de descritores empatia-empatia (no título e no assunto). Tal busca resultou em 19 estudos que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão da amostra, categorizados a partir de aspectos, como: o tipo de publicação, sujeitos da pesquisa relatada e temas dos artigos minuciosamente analisados a partir das concepções de teóricos relevantes no campo de estudo, como Hoffman (2000), Sampaio (2009), Falcone et al. (2008), Monte (2016) e Rodrigues e Ribeiro (2011). Os principais resultados apontam que os estudos sobre a empatia em língua portuguesa são direcionados prioritariamente à relação da empatia com outras variáveis (sobretudo do campo da moralidade), campo da saúde, bem como à investigação de instrumentos de avaliação e relato de programas de intervenção em empatia.

Palavras-chave: Empatia. Promoção. Desenvolvimento. Instrumentos.

INTRODUÇÃO

O termo empatia está em grande evidência nos estudos atuais, pois quando consideramos a formação humana como ferramenta essencial para o convívio em sociedade, a perspectiva de desenvolvimento desta habilidade pode ser entendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro, assumindo assim as perspectivas alheias diante de situações, como angústia, medo, sofrimentos entre outros (HOFFMAN, 2000).

A empatia é conceituada de maneira diversa por diferentes autores. Enz e Zoll (2006), por exemplo, estabelecem que o termo empatia tem origem na palavra grega “*empathia*”, que significa “paixão” ou “ser muito afetado”. Titchener (1909) foi o primeiro autor a traduzir o termo *Einfühlung* por *empathy*, conceituando-a como a capacidade de uma pessoa conhecer a consciência do outra.

Para Rogers (2001), a empatia refere-se à capacidade de conhecer o outro de dentro perspectiva que vai além de se colocar no lugar do outro. Nessa direção, Feshback e Roe (1968) consideram essencial a capacidade de atribuir corretamente a emoção dos outros. Em virtude dessa perspectiva criaram um teste para crianças, conhecido como *Feshbach Affective Situation Test for Empathy* (FASTE), o qual consiste em analisar as emoções de crianças entre 6 e 7 anos. Um dos pontos chaves da definição e entendimento da empatia está diretamente ligado à discussão de que a mesma possui dois elementos fundamentais para seu desenvolvimento, como destacados por Davis (1990) e Hoffman (2000). O componente cognitivo pode ser entendido como a capacidade para colocar-se no lugar do outro, tomar suas perspectivas, assumindo assim ideias e pensamentos para resolução de situações. Por outro lado, o componente afetivo refere-se a assumir o estado emocional do outro, não necessariamente sentindo a mesma emoção, mas compreendendo.

Destaca-se que os dois elementos que formam o processo empático não podem ser separados. Decety e Jakson (2004, p. 99), salientam que “mesmo sendo componentes distintos são indissociáveis, pois ambos são provedores de comportamentos pró-sociais e respostas empáticas para com o próximo”.

Essa concepção de que a empatia comporta, no mínimo, dois elementos (cognitivo e afetivo), viabiliza que a maior parte dos instrumentos de avaliação da empatia sejam compostos por esses aspectos. Sampaio (2009) enfatiza alguns desses instrumentos que possibilitam respostas satisfatórias nessa perspectiva.

Dentre eles destacam-se: o *Questionnaire Measure of Emotional Empathy*. (MEHRABIAN; EPSTEIN, 1972), combinação de diversos itens de empatia e simpatia e o *Interpersonal Reactivity Index - IRI* (DAVIS, 1983), dividida em subescalas afetivas e cognitivas. No Brasil, a versão mais atual deste instrumento é denominada Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI (SAMPAIO, et al., 2011), a qual será apresentada adiante.

Por fim, ainda quanto aos instrumentos de autorrelato, destacam-se a Escala de Empatia Focada em Grupos – EEG (GALVÃO, 2010), que é utilizada individualmente ou coletivamente para análise de quatro contextos sociais (grupos minoritários, trabalhadores, apenados e animais) e o Inventário de Empatia – IE (FALCONE et al., 2008), instrumento do tipo lápis e papel a ser utilizado individualmente ou de forma coletiva. Tal escala é estruturada em quatro fatores: Tomada de Perspectiva, Flexibilidade Interpessoal, Altruísmo e Sensibilidade Afetiva.

Além dos instrumentos/escalas do tipo lápis e papel, a empatia pode ser avaliada por meio de entrevistas, medidas de índices somáticos (expressões faciais e gestos), índices fisiológicos (temperatura da pele, frequência cardíaca), neuroimagens funcionais, histórias ilustradas (por fotos, figuras ou gravações em vídeo), conforme afirma Monte (2016).

A utilização de indicadores somáticos e índices fisiológicos no processo de avaliação da empatia demonstra resultados satisfatórios, pois diminuem desejáveis impacto da desejabilidade social, como respostas pensadas para obter resultados benéficos em virtude de autorrelatos e autodescrições. Porém, essa metodologia de avaliação necessita de um grande investimento em equipamentos e formação de equipe, considerando a necessidade de análise minuciosa de expressões corporais e faciais e comportamento não verbal, o que exige extrema preparação e capacitação de todos os envolvidos.

Na mesma direção, a empatia também pode ser estudada por meio de neuroimagens, baseando-se o entendimento de como o cérebro funciona e como o mesmo é capaz de estar envolvido em habilidades sociais em especial a empatia (MONTE, 2016). Esse tipo de técnica, no entanto, assim como as anteriores, exige equipamentos e observadores treinados.

Outro importante tópico desenvolvido na literatura acerca da empatia, refere-se ao seu papel precursor e preditor de boas condutas, acreditando-se que o desenvolvimento desta habilidade contribui para a prevenção de condutas antissociais (MONTE, 2016). Evidencia-se, portanto, que a importância da empatia para a sociedade é acentuada, pois a mesma é promotora de boas condutas e o ser humano, ao colocar-se no lugar do outro, pode agir

pró-socialmente, realizando ações que venham a causar bem-estar e alívio do sofrimento alheio e distanciando-se de condutas antissociais que causam danos ao processo de interação das relações humanas.

Logo, compreende-se que o desenvolvimento da empatia está associado ao trabalho constituído de pequenas ações cotidianas, que desenvolvidas pontualmente e diariamente, produzem respostas satisfatórias à vida em sociedade. É exatamente neste ponto que têm sido tecidas discussões e estudos acerca da importância e viabilidade do desenvolvimento da empatia no ambiente escolar, conforme discussão da subseção seguinte.

O desenvolvimento da empatia e a educação

Os estudos sobre a empatia sempre se destacaram nas áreas da psicologia, filosofia e sociologia (MONTE, 2016). Autores como Rodrigues e Ribeiro (2011) e Lopes et al. (2013) já vem discutindo a necessidade de se promover modelos educativos que possibilitem o desenvolvimento da empatia no cotidiano. No entanto, a discussão na educação ganhou ainda mais destaque em virtude da implementação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), uma vez que este documento traz descrito como competência geral a ser desenvolvida durante toda a educação básica, dentre elas:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p.10).

Assim, tal documento evidencia a necessidade de promoção da empatia no contexto escolar e a preocupação com o desenvolvimento humano, reconhecendo esta habilidade social como um instrumento importante e necessário para a prevenção de grande parte das lacunas e problemas sociais que se encontram presentes na atualidade.

Sustenta-se que a promoção da empatia no início da vida possibilita criar atitudes preventivas em relação aos comportamentos antissociais, considerando que a criança passa a olhar seu semelhante com mais afeto, colocando-se no seu lugar, inibindo assim condutas indesejadas ou que causem algum tipo de sofrimento para com o próximo.

A empatia tem sido considerada um comportamento pró-social. Nessa perspectiva, insere-se nos fatores de proteção,

na medida em que neutraliza o impacto do risco, inibindo comportamentos antissociais favorecendo assim, um desenvolvimento mais saudável da criança. (PAVARINI et al., 2005, p.116)

Assim sendo, a empatia é um fator promotor de boas condutas, enfatizando a importância do desenvolvimento na vida humana para que as crianças tenham a possibilidade de contato o mais cedo possível com bons modelos de conduta, tornando-se assim adolescentes e adultos empáticos, sensíveis para com o sofrimento e angústia do próximo.

Quanto ao papel dos ambientes educativos, a literatura vem apontando que são condições necessárias ao desenvolvimento da empatia: a) observar; b) prestar atenção, c) ouvir; d) demonstrar interesse e preocupação pelo outro; e) reconhecer/ inferir sentimentos do interlocutor; f) compreender a situação (assumir perspectiva); g) demonstrar respeito pelas diferenças; h) expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro; i) oferecer ajuda; j) compartilhar (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Especificamente quanto à escola, estudos como o de Rodrigues e Ribeiro (2011) demonstram a necessidade urgente em pesquisa sobre esta temática para a formação dos seres humanos. O Programa de Promoção de Desenvolvimento Sociocognitivo na formação docente, desenvolvido pelas autoras referidas acima, deixa clara a importância desse trabalho. Este programa teve por objetivo a formação docente para as habilidades sociais com ênfase na empatia, trabalhado a partir de livros infantis. Após essa formação, os docentes desenvolveram, durante o ano letivo, a promoção da empatia para seus alunos, enfatizando que os participantes desses programas obtiveram mais respostas empáticas do que os que não participaram de nenhum projeto voltado para o desenvolvimento dessa habilidade.

Outro estudo com implicações importantes para o espaço escolar foi desenvolvido por Lopes et al. (2013). Neste estudo, avaliou-se dois grupos: um experimental, com participantes dos programas de intervenções e o controle, composto de pessoas que não participavam de nenhum programa de intervenção. O mesmo ocorreu em 22 sessões com ênfase na promoção das habilidades sociais e o aprimoramento do rendimento escolar, distribuídas em 2 meses. Sua metodologia está estruturada na apresentação de vídeos, por sessões, que possibilitou aos participantes descrever as principais contribuições e habilidades que o mesmo despertou nela. Em especial, destaca-se a oitava sessão do programa, referindo-se especificamente à empatia, quando, ao término dessa sessão, as crianças preencheram o “quadro

dos sentimentos”, instrumento utilizado para obter resultados referentes aos processos empáticos, baseado na vivência “os sentimentos tem cores” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005), relatando qual sentimento foi despertado e as contribuições que proporcionou ao seu desenvolvimento humano.

Dentre os principais resultados, especificamente quanto às habilidades sociais, observou-se um avanço nos aspectos afetivos e sociais das crianças em virtude da ampliação das relações promovida pelos relatos e socialização ao final de cada vídeo. Assim, o desenvolvimento desse programa proporcionou, além da promoção da empatia, o aprimoramento das relações humanas, pois eram trabalhados nas crianças os relatos das emoções e a comunicação social.

Numa perspectiva semelhante, de ensinar habilidades socioemocionais relevantes ao desenvolvimento infantil em espaços escolares, o trabalho de Elias e Marturano (2014) testaram os efeitos de dois tipos de intervenção: o EPRP (Eu Posso Resolver Problemas) e as Oficinas de Linguagem. O grupo oficinas de linguagem tinha como característica o aprimoramento do desenvolvimento educacional das crianças, por meio de projetos e pesquisas coletivos utilizando a linguagem oral e escrita. O grupo EPRP, por sua vez, possuía como característica principal o desenvolvimento das habilidades de solução de problemas interpessoais, desenvolvidas a partir de dramatizações, desenhos e desempenho de papéis. Ambos foram realizados em 20 sessões.

As duas modalidades mostraram-se benéficas ao desenvolvimento do aluno, enfatizando que mesmo a EPRP não se tratando especificamente de um instrumento de resolução de problemas para queixas escolares, seu resultado apresentou-se bastante surpreendente pois as crianças desenvolveram habilidades para aprimoramento desse processo e para resolução de problemas interpessoais, baseados nos processos empáticos. As oficinas de linguagem também trouxeram aspectos transformadores, pois seus instrumentos e métodos possibilitam melhorar o rendimento acadêmico dos alunos. Destaca-se que apenas o EPRP trouxe resultados direcionados a empatia, a qual aumentou em função da participação no programa

Diante dos achados e das discussões tecidas, observa-se a importância do desenvolvimento da empatia em espaços educativos variados, inclusive a escola, bem como a importância de aprofundamento no conhecimento deste tema a formação docente.

METODOLOGIA

O presente artigo consiste no relato de em uma revisão sistemática da literatura realizada a partir do Portal Periódico Capes. Para Sampaio e Marcini (2006, p. 84), “revisão sistemática de literatura é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema”. É o trabalho desenvolvido a partir daquilo que já existe sobre a temática pesquisada.

Para o presente trabalho foi estabelecido o par de descritor empatia-empatia, no título e assunto, obtendo um resultado de 161 artigos em pesquisa realizada no Portal de Periódico Capes, publicados até o ano de 2019. Como critérios de inclusão, enfatiza-se que foram selecionados estudos empíricos ou teóricos, publicados nos últimos 10 anos, indexados em periódicos revisados por pares, exclusivamente escritos em língua portuguesa. Os critérios de exclusão para a presente pesquisa visam eliminar todos os artigos encontrados oriundos de outra língua estrangeira e/ou incompletos.

Logo após a finalização de etapa inicial da pesquisa, que consistiu na busca de materiais no Portal de Periódico Capes, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos encontrados para produção de um banco de dados seguindo os critérios acima descritos, com objetivo de evidenciar a quantidade de textos encontrados para desenvolvimento da pesquisa.

Após leitura aprofundada dos resumos foi evidenciado que apenas 19 seguem os critérios de inclusão estabelecidos pelo presente trabalho, sendo realizada a leitura completa dos artigos encontrados, categorizando-os, conforme relato de resultados e discussões apresentadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 19 artigos encontrados foram categoriados a partir de categorias específicas, tais como: 1) o tipo de publicação (artigo empírico ou de relato de pesquisa); 2) sujeitos da pesquisa relatada e 3) os temas dos artigos. Note-se que, dentre os 19 textos, 15 são artigos empíricos e 4 são teóricos, conforme evidenciados na Quadro 1. Dos artigos empíricos, 3 tratam de pesquisas realizadas com crianças, 8 com adultos, 3 com adolescente e 1 com duas faixas etárias (adultos e adolescentes). Observa-se, portanto, a inexistência de estudos sobre a empatia na população idosa, ou seja, com idade igual ou superior a 60 anos, segundo o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

Quadro 1 – Classificação dos textos selecionados quanto ao tipo e participantes da pesquisa

ARTIGO	TIPO	PARTICIPANTES	DETALHES PARTICIPANTES	AValiação DA EMPATIA	CLASSIFICAÇÃO DO TEMA DO ARTIGO
Relações entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças (BEZERRA et al., 2018).	Empírico	Crianças	72 crianças (7 a 12 anos) de ambos os sexos, de duas escolas particulares de Maceió-AL.	Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECG adaptada por Koller et al. (2001).	Empatia e outras variáveis
Validade convergente do Inventário de Empatia (IE). (FALCONE et al., 2013).	Empírico	Adultos	230 indivíduos adultos de ambos os sexos, com níveis de escolaridades do ensino fundamental ao superior.	Inventário de Empatia – IE (FALCONE, 2008) Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI, versão Koller et al. (2001)	Validação de instrumento
Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia. (SUARTZ et al., 2014).	Empírico	Adultos	Participaram 14 graduandas de Psicologia, sexo feminino, com idade entre 21 a 29 anos.	Inventário de empatia (IE) elaborado por Falcone et al. (2008) e Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI versão Koller et al. (2001)	Programa de promoção da empatia
Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil (RODRIGUES; SILVA, 2012).	Empírico	Crianças	Realizada com 36 crianças: 16 meninos e 20 meninas com idade de 5 a 6 anos.	Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes de Bryant (1982), adaptada por Koller et al. (2001).	Programa de promoção da empatia
Expressões de empatia em homens acusados de abuso sexual infantil. (MOURA; KOLLER, 2010).	Empírico	Adultos	Participaram 5 homens com idade entre 37 a 73 anos, acusados de cometerem abusos sexuais contra crianças de até 13 anos.	Ficha biosociodemográfica e entrevista semiestruturada sobre como os participantes se sentiam em diversas situações ligadas a crianças.	Empatia e outras variáveis

ARTIGO	TIPO	PARTICIPANTES	DETALHES PARTICIPANTES	AValiaÇÃO DA EMPATIA	CLASSIFICAÇÃO DO TEMA DO ARTIGO
Os jovens eo reconhecimento da empatia: análise descritiva da reatividade interpessoal em jovens de diferentes contextos sociais. (FORMIGA, 2013).	Empírico	Adolescentes	46 sujeitos, de ambos os sexo, com idade entre 12 a 21 anos, de instituições sociais de João Pessoa- PB, de um colégio público e de uma instituição religiosa cristã.	Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal - EMRI (versão SAMPAIO, et al., 2011).	Empatia e outras variáveis
Verificação de um modelo teórico entre a empatia, socialização ética e orientação cultural em jovens brasileiros. (FORMIGA, 2016).	Empírico	Adolescentes	Participaram 427 sujeitos de ambos os sexos e idade entre 12 a 19 anos das cidades de João Pessoa - PB e Patrocínio - MG.	Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI (SAMPAIO, et al., 2011).	Empatia e outras variáveis
Avaliação da evolução da empatia em alunos do quarto ano da graduação em medicina da Unifesp em 2012. (THOMAZI et al., 2013).	Empírico	Adultos	80 alunos do quarto ano do curso de Medicina da Unifesp no ano de 2012.	Inventário de empatia - IE (FALCONE et al., (2008).	Empatia na saúde
Escalas de medição do Quociente de Empatia/Sistematização: Um ensaio de validação para a população portuguesa. (RODRIGUES; LOPES; et al., 2011).	Empírico	Adultos	506 participantes adultos de ambos os sexos, de cidades de Portugal.	Versões curtas das escalas de Quociente de Empatia (composta por 22 itens) e do Quociente de Sistematização (composta por 25 itens), adaptadas por Wakabayashi et al. (2006)	Validação de instrumentos
Avaliação de empatia em residentes de especialidades clínicas e cirúrgicas da Universidade Federal de São Paulo (SUARTZ et al., 2013).	Empírico	Adultos	40 médicos residentes cirurgiões e 40 clínicos entre o terceiro e o quinto ano de residência na Unifesp no ano de 2010.	Inventário de empatia (IE) de Falcone (2008).	Empatia na saúde

ARTIGO	TIPO	PARTICIPANTES	DETALHES PARTICIPANTES	AValiação DA EMPATIA	CLASSIFICAÇÃO DO TEMA DO ARTIGO
As dimensões da satisfação dos usuários do Programa Saúde da Família: confiabilidade e empatia. (DIAS et al., 2011).	Empírico	Adultos	32 equipes de Programa de Saúde da Família-PSF, com mais de 5 anos de funcionamento, totalizando um número de 319 usuários de Montes Claros- MG.	Duas dimensões da Escala SERVQUAL - Confiabilidade empatia (VEIGA; MOURA, 2003).	Empatia na saúde
Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: validade fatorial e consistência interna. (GALVÃO et al., 2010).	Empírico	Adolescentes	Participaram 206 estudantes de ensino médio, de ambos os sexos (14 a 19 anos) em João Pessoa- PB.	Questionário sociodemográfico e Escala de Empatia focada em Grupos – EEG (GALVÃO, 2010.)	Validação de instrumento
Tradução, adaptação e estudo da validade de construto da Scale of Ethnocultural Empathy (SAMPAIO et al., 2012).	Empírico	Adolescentes e Adultos	Participaram 350 estudantes de ambos os sexos com idades entre 17 e 58 anos, provenientes de universidades públicas de Juazeiro-BA.	Questionário Sociodemográfico e versão adaptada de Escala Scale of Ethnocultural Empathy (SAMPAIO ET AL., 2012)	Validação de instrumento
Teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares. (PAVARINI; SOUZA, 2010).	Empírico	Crianças	Participaram 37 crianças, de ambos os sexos com idades de 4 a 6 anos de idade, no interior de São Paulo.	Instrumento com fragmentos de vídeos emocionais, possibilitando respostas empáticas, conforme Garcia-Serpa (2001).	Empatia e outras variáveis
Empatia, sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores do ensino superior. (WAGNER et al., 2019).	Empírico	Adultos	50 professores do ensino superior (ambos os sexos), com idade de 25 a 57 anos.	Inventário de empatia-IE (FALCONE et al., 2008).	Empatia e outras variáveis

ARTIGO	TIPO	PARTICIPANTES	DETALHES PARTICIPANTES	AValiação DA EMPATIA	CLASSIFICAÇÃO DO TEMA DO ARTIGO
Envolvimento e empatia: a solidariedade construída nas colunas de aconselhamento em revistas (GONÇALVES SEGUNDO; RIBEIRO, 2016)	Teórico				Empatia e outras variáveis.
Empatia, relação médico-paciente e formação em medicina: um olhar qualitativo. (COSTA; AZEVEDO, 2009)	Teórico				Empatia na saúde
O encontro com a perspectiva do outro: empatia na relação entre psiquiatras e pessoas com diagnóstico de esquizofrenia (PEIXOTO et al., 2016).	Teórico				Empatia na saúde
Seria a moralidade determinada pelo cérebro? Neurônios-espelhos, empatia e neuromoralidade (FERREIRA, 2011).	Teórico				Empatia e outras variáveis

Quanto à categorização do tipo de artigo, observa-se que a grande maioria (15 estudos) são empíricos e trazem resultados de pesquisa conduzidas por meio de metodologias qualitativas e quantitativas em campos distintos de investigação (escolas, universidades e unidades de saúde).

Quanto aos temas dos artigos, conforme o Quadro 1, dos 19 artigos, oito tratam da relação da empatia com outras variáveis, quatro tratam da adaptação e validação de instrumentos de avaliação da empatia, cinco artigos referiam-se à temática da empatia na saúde e dois artigos traziam o relato de programas de promoção da empatia, considerando que alguns artigos podiam ser enquadrados em mais de uma categoria de análise.

Estudos sobre a relação da empatia com outras variáveis

Os textos que tratam da relação de empatia com outras variáveis, observa-se a relação da empatia com a solidariedade, moralidade, julgamento

moral, racismo, abuso sexual, teoria da mente, motivação pró-social, ética, sintomas de depressão, ansiedade e estresse, dentre outras.

Evidenciando as principais conclusões apontadas pelos autores dos artigos mencionados na Quadro 1, Gonçalves-Segundo e Ribeiro (2016) chegam à conclusão de que a partilha de relatos de outras pessoas promove o reconhecimento do sofrimento do próximo, havendo, assim, um envolvimento com as dificuldades e sentimentos alheios, bem como construção da solidariedade e ajuda, as quais ganham destaque nas relações sociais.

Ferreira (2011) discute como a moralidade está associada aos neurônios-espelhos, enfatizando a associação da psicologia moral com a teoria moral, sobretudo com o campo das neurociências. Ainda no campo da moralidade, o estudo de Bezerra et al. (2018) compreende o julgamento moral como a capacidade da criança de considerar uma ação certa ou errada. Em contrapartida, está o racismo, ou seja, a adoção de comportamento diferente pelo fato do outro não pertencer ao mesmo grupo. Os autores discutem as relações entre a empatia e a adesão a princípios como a generosidade e justiça, avaliados a partir de histórias infantis.

Desse modo, a empatia se relaciona com o desenvolvimento da moralidade e da socialização ética e baseada em orientação coletivistas, ou seja, relacionada ao bem comum. Assim, quanto mais cedo se desenvolvem habilidades empáticas nas relações interpessoais, mais os sujeitos são orientados à cooperação e manutenção das relações interpessoais, conforme evidencia Formiga (2016). Na mesma direção, há diferenças significativas quanto ao reconhecimento e desenvolvimento da empatia em função dos contextos sociais em que estão inseridas as pessoas (FORMIGA, 2013).

Ainda no campo da motivação pró-social, o estudo de Pavarini e Souza (2010) buscou compreender a relação deste constructo empatia com a Teoria da Mente, concluindo que as crianças que compartilham estados emocionais com as outras possuem maiores habilidades para promoção de comportamentos pró-sociais.

Ainda relacionado ao campo do comportamento humano, o estudo realizado por Moura e Koller (2010) com participantes acusados de abuso sexual infantil evidencia que estes sujeitos mantêm as características relativas à habilidade de empatia preservadas. No entanto, as autoras consideram que, por a pesquisa utilizar um instrumento de autorrelato, pode ter ocorrido respostas formuladas a partir da desejabilidade social, ou seja, conforme acreditam que seria o “correto responder”. Além disso, os participantes responderam as questões, descentralizando das ações cometidas pelos mesmos.

No estudo de Wagner et al. (2019), destaca-se a importância da promoção da empatia para prevenção de aparecimento de sintomas depressivos ou estresse entre professores. Dentre os principais resultados destacados pelos autores, observa-se uma correlação negativa entre o estresse e a tomada de perspectiva, ou seja, quanto mais estresse, menor capacidade de se colocar no lugar dos outros e vice-versa.

Empatia e instrumentos de avaliação

Dentre os estudos que tratam da adaptação e validação de instrumentos par a avaliação da empatia, destaca-se o uso do EMRI (originalmente IRI) e Inventário de Empatia (IE), mais utilizados nas pesquisas encontradas. A Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado por Sampaio et al. (2011) para o contexto brasileiro.

Neste instrumento, a empatia é dividida em 4 dimensões: 1) Angústia pessoal (AP) - sensações de desprazer, desconforto e incômodo direcionadas ao *self* diante dos acontecimentos com o próximo; 2) Consideração empática (CP) - Sentimentos direcionado aos outros e motivação para ajudar ao próximo em contexto de desvantagem ou perigo; 3) Tomada de perspectiva (TP) - Capacidade cognitiva do indivíduo se colocar o lugar do outro, identificando o que ele sente e pensa. 4) Fantasia (FS) - Colocar-se no lugar do outro fictício (como personagens de livros e filmes) na perspectiva de ter atitudes semelhante ao próximo em situações diversas. Outra versão deste instrumento no Brasil foi adaptada por Koller et al. (2001).

Assim como o EMRI, o Inventário de Empatia (IE) foi outro instrumento muito utilizado pelos estudos no Brasil. Ele foi construído e validado por Falcone (2008) com o propósito de medir a habilidade empática de indivíduos adultos. Contém 40 questões com respostas que podem variar de 1 (nunca) a 5 (sempre) e que avaliam os quatro fatores básicos das habilidades empáticas:

- Tomada de perspectiva (TP) - Composto pelo quantitativo de 12 itens que evidenciam a capacidade e perspectiva de entender os sentimentos de outras pessoas, mesmo em conflitos de interesse.
- Flexibilidade interpessoal (FI) - Composto pelo quantitativo de 10 itens, pode ser entendida como a capacidade de tolerar pensamentos, atitudes e comportamentos dos outros, mesmo que esses sejam muito divergentes e passíveis de frustrações.

- Altruísmo (AL) - Composto pelo quantitativo de 9 itens e entendido como capacidade de abrir mão dos próprios interesses para ajudar ou beneficiar ao próximo.
- Sensibilidade Afetiva (SA) - Composto pelo quantitativo de 9 itens, refere-se ao sentimento de compaixão e interesse no estado emocional do outro.

Empatia e Saúde

Em continuidade à discussão geral dos artigos encontrados nesta revisão de literatura, pode-se observar que cinco estudos (três empíricos e dois teóricos) são relativos à discussão da empatia no campo da saúde. Entre as principais questões encontradas nestes artigos, destaca-se que eles centralizam a relação médico-paciente e satisfação do usuário com o sistema de saúde, enfatizando o argumento de que o desenvolvimento do olhar sensível ao próximo nesse contexto promove a esperança de cuidado e afeto ao outro como mecanismo de promoção do bem-estar.

Suartz et al. (2012) afirmam que o desenvolvimento da relação médico-paciente começa a ser direcionada ainda na graduação, sendo neste cenário que os estudantes necessitam de estímulos para aproximação com seu contexto de atuação, pois muitas vezes passam muito tempo centralizados em laboratórios e salas de aula, adquirindo muitos conhecimentos teóricos e distanciando-se da prática concreta. Segundo Dias et al. (2010), a empatia é um elemento essencial na oferta de assistência médica integral e individualizada.

Neste sentido, Costa e Azevedo (2009) evidenciam que o olhar do paciente para com o médico ultrapassa o tempo de consulta ou medicamentos prescritos, pois o mesmo estabelece relação de confiança, buscando ajuda em momentos extremamente complicados, depositando confiança na melhoria em virtude da orientações e indicações direcionadas pelo médico.

Por fim, a promoção do desenvolvimento dessa relação médico-paciente está ancorada nas habilidades sociais, em especial a empatia, a qual permite aos sujeitos a capacidade de se colocar e entender o outro em contextos múltiplos (PEIXOTO et al., 2016). Assim sendo, a empatia é habilidade imprescindível a ser desenvolvida por profissionais de saúde em formação.

Nesta direção, Thomazi et al. (2012) mostram que a evolução da empatia é possível desde o início do curso de formação em medicina, pois ações

contínuas de interações entre médicos em formação e pacientes podem promover a empatia para acolhimento e atendimento humanizado.

Empatia e programas de intervenção

Quanto a esse ponto, destaca-se que dois artigos traziam o relato de programas de promoção da empatia. O estudo de Rodrigues et al. (2014) teve como objetivo implementar e avaliar um programa de desenvolvimento da empatia em 14 estudantes do curso de Psicologia, com idade entre 20 e 25 anos. O programa foi realizado mediante cinco encontros, totalizando 18 horas de intervenção com foco na compreensão e comunicação empáticas (verbal e não verbal), divididos em atividades, dinâmica de tempestade de ideias sobre empatia, informações sobre habilidades de identificar as emoções e os sinais não verbais, utilização de trechos de vídeos de situações terapêuticas, imagens de expressões faciais com diferentes estados emocionais, técnicas de relaxamento, escuta empática e vivências próprias de situações da psicologia clínica, bem como jogo de papéis.

Os instrumentos utilizados para a mensuração das variáveis de interesse foram: Questionário de Caracterização das Participantes, Inventário de Empatia (IE), Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) e roteiro de entrevista semiestruturado sobre a vida diária e práticas psicológicas. Dentre os principais resultados, destaca-se a eficiência do programa em proporcionar melhor relacionamento interpessoal, escuta empática, comunicação verbal e a neutralização dos próprios julgamentos.

Rodrigues e Silva (2012), por sua vez, tinham como objetivo a promoção de programa da empatia em crianças na educação infantil e realizaram a pesquisa com 36 crianças da rede pública de Juiz de Fora, sendo 16 meninos e 20 meninas. Os principais instrumentos utilizados na pesquisa foram Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes, (versão de KOLLER et al., 2001) e observações assistemáticas das crianças participantes em sala de aula, e em situações informais, como no horário do recreio.

A intervenção envolveu 14 encontros, duas vezes por semana, com duração de 40 minutos, contando com a participação das crianças e com a presença do professor. O primeiro encontro foi estruturado a partir da explicação das delimitações das regras e da dinâmica dos demais encontros. Seguiram-se quatro encontros que tiveram como foco o reconhecimento de sentimentos em si e nos outros. Os dois encontros seguintes buscaram demonstrar a importância da comunicação em que se expressa compreensão

pelo sentimento ou experiência do outro. Nos três encontros subsequentes, focou-se na importância da solidariedade e das habilidades de pedir e oferecer ajuda. Os encontros seguintes destinaram-se a desenvolver a habilidade de compartilhar e de consolar. Como suportes didáticos, foram utilizados materiais e recursos ludopedagógicos variados como fantoches, livros infantis, recursos para dramatizações e desenhos.

Conforme evidenciado nas discussões acerca dos textos que compuseram a amostra dessa revisão sistemática de literatura, pode-se afirmar que a empatia vem sendo estudada como importante para o desenvolvimento da moralidade, dos comportamentos pró-sociais e da ética em crianças, adolescentes e adultos. Tais estudos são muito importantes, pois evidenciam que a empatia pode ser estimulada desde a infância e adolescência, sendo possível promovê-la a partir de situações de ensino estruturadas para essa finalidade.

Ainda, pode-se afirmar que há um interesse em construir, adaptar e validar instrumentos de avaliação da empatia, especialmente para a população adolescente e adulta. Evidencia-se a inexistência de instrumento específico para aplicação em idoso.

Por fim, ressalta-se a importância dos estudos sobre a relevância da empatia no campo da saúde e os estudos que apontam caminhos possíveis para a promoção da empatia a partir de programas estruturados, desenvolvidos em espaços como escolas ou serviços de saúde ou assistência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões tecidas anteriormente, analisa-se a importância da estimulação da empatia no início da vida como promotora de melhoria das condutas pró-sociais, pois esta habilidade está diretamente interligada ao processo de formação do sujeito, possibilitando ações provenientes de conforto e segurança para o próximo, conforme evidenciado em inúmeros estudos mencionados ao longo deste artigo.

O desenvolvimento desta habilidade, como destacado acima, é favorável e necessária para o convívio da humanidade, evidenciando a promoção das relações humanas em qualquer espaço em que se encontra inserida, considerando que as relações sociais são formadas pelos seres humanos e estes possuem características e interesses diferentes que necessitam ser respeitados e, além disto, compreendidos. Neste sentido, a empatia permite ao sujeito entender a perspectiva do outro e colocar-se no lugar do próximo.

O presente estudo apresenta resultados satisfatórios para o entendimento da empatia e como a mesma ocorre, atendendo seus principais objetivos. Do mesmo modo, configura-se como material relevante à compreensão do campo de estudos sobre a empatia, pois apresenta ao leitor, um panorama amplo acerca da produção científica relativa publicada em língua portuguesa no campo da empatia.

Evidencia-se, portanto, lacunas e potencialidades de investigação no campo, sobretudo quanto aos programas de promoção da empatia e estudos relativos à empatia no idoso, os quais podem ajudar a compreender que transformações as experiências de vida e mudanças características da velhice podem operar no modo como o idoso sente e experiência as relações com os outros.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, D. S.; SANTOS, F. O. P.; FERNANDES, S. C. S. Relação entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças. **Cadernos de pesquisa**. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil. 2018.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei Nº 10.741. Senado Federal. Brasília, DF. 1º de Outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 08 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

COSTA, F.D; AZEVEDO, R. C. S. **Empatia, Relação Médico-paciente e Formação em Medicina: um Olhar Qualitativo**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2009.

DAVIS, C. M. What is empathy, and can empathy be taught? **Physical Therapy**, 70(11), 707-712, 1990.

DAVIS, M. H. Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. **Journal of Personality and Social Psychology**, 44, 113-136. 1983.

DECETY, J.; JACKSON, P. L. The functional architecture of human empathy. **Behavioral and Cognitive Neuroscience Review**, 3 (2), 71-100, 2004.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DIAS, O. V; VIEIRA, M. A; DIAS, J. P; RAMOS, L. H. **As dimensões da satisfação dos usuários do Programa Saúde da Família: confiabilidade e empatia**. Montes Claros, MG. 2010.

ELIAS, L. C. S; MARTURANO, E. M. “Eu Posso Resolver Problemas” e Oficinas de Linguagem: Intervenção para Queixa Escolar. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Jan-Mar 2014, v. 30, n.1, p. 35-44, 2014.

ENZ, N.; ZOLL, N. **Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK**, 2006. Disponível em: www.nicve.salford.ac.uk/elvis/resources/empathy. Acesso em 09 out. 2020.

FALCONE, E. M. O; FERREIRA, M. C; LUZ, R.C. M; FERNANDES, C. S; FARIA. C.A; D`AUGUSTIN, J. F; SARDINHA, A; PINHO, V. D. Inventário de empatia (i.e.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 321-334, 2008.

FALCONE, E. M.O; PINHO, V. D; FERREIRA, M. C; FERNANDES, C. S; D'AUGUSTIN, J. F; KRIEGER, S. PLÁCIDO, M. G; VIANNA, K. O; ELECTO, L.C.T; PINHEIRO, L. C. Validade convergente do Inventário de Empatia. **Psico-USF**, Bragança Paulista. 2013.

FERREIRA, C. P. Seria a moralidade determinada pelo cérebro? Neurônios-espelhos, empatia e neuromoralidade. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2011.

FESCHBACH, N. D; ROE, K. Empathy in six- and seven-year-olds. **Child Development**, 39, 33-145. 1968.

FORMIGA, N. S. Os jovens e o reconhecimento da empatia: Análise descritiva da reatividade interpessoal em jovens de diferentes contextos sociais. **Revista de psicologia**. Fortaleza, 2013.

FORMIGA, N. S. **Verificação de um modelo teórico entre a empatia, socialização ética e orientação cultural em jovens brasileiros.** Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB. 2016.

GALVÃO, L. K. S; CAMINO, C. P. S; GOUVEIA, V. V; FORMIGA, N. S. Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: validade fatorial e consistência interna. **Psico.** Universidade Federal da Paraíba João Pessoa, PB, Brasil. 2010.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R; RIBEIRO, R. B. Envolvimento e empatia: a solidariedade construída nas colunas de aconselhamento em revistas. **Revista do Gel.** São Paulo, 2016.

HOFFMAN, M. **Empathy and moral development:** implications of caring and justice. New York: Cambridge University Press. 2000.

KOLLER, S. H; CAMINO, C; RIBEIRO, J. Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. **Estudos de Psicologia,** Campinas, v. 18, n. 3, p. 43-53, 2001.

LOPES, D. C; DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. Recursos Multimídia no Ensino de Habilidades Sociais a Crianças de Baixo Rendimento Acadêmico. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** n 26, 1, 451-458. São Paulo. 2013.

MEHRABIAN, A; EPSTEIN, N. A measure of emotional empathy. **Journal of Personality,** 40, 525-543. 1972.

MONTE, Franciela Félix de Carvalho. **Julgamento social sobre o tráfico de drogas e suas relações com a empatia e valores humanos de adolescentes em conflito com a lei.** Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2016.

MOURA, A. S; KOLLER, S. H. Expressões de empatia em homens acusados de Abuso sexual infantil. **Psico.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre- RS, Brasil. 2010.

PAVARINI, G; SOUZA, D. H. Teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares. **Psicologia em estudo.** Maringá, 2010.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico PUC-RS**, v. 36, n. 2, p. 127-134, maio/ago. 2005a.

PEIXOTO, M. M. P.; MOURÃO, A. C. N. M.; JUNIOR, O. D. S. O encontro com a perspectiva do outro: empatia na relação entre psiquiatras e pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2016.

RODRIGUES, J.; LOPES, A.; GIGER, J. C.; GOMES, A.; SANTOS, J.; GONÇALVES, G. **Escalas de medição do quociente de empatia/ sistematização**: um ensaio de validação para a população portuguesa. *Psicologia*, Liboas. 2011.

RODRIGUES, M. C.; PERON, N. B.; CORNÉLIO, M. C.; FRANCO, G. R. Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, 2014.

RODRIGUES, M. C.; RIBEIRO, N. N. Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. **Psicologia teoria e prática**, n. 13, 2, 114-126, 2011.

RODRIGUES, M. C.; SILVA, R. L. M. Avaliação de um programa de promoção da Empatia implementado na educação infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, 2012.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa** (5a ed., M. J. C Ferreira & A. Lamparelli, trans.). São Paulo: Martins Fontes. 2001. (Trabalho original publicado em 1985).

SAMPAIO, L. R.; GUIMARÃES, P. R. B.; CAMINO, C. P. S.; FORMIGA, N. S.; MENEZES, I. G. Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). **Psico**, 42 (1), 67-76. 2011.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S.; ROAZZI, A. Revisão de Aspectos Conceituais, Teóricos e Metodológicos da Empatia. **Psicologia ciência e profissão**. 2009.

SAMPAIO, L. R.; LIMA, I. D. M.; MENEZES, I. G.; MONTE, F. F. C. **Tradução, Adaptação e Estudo da Validade de Construto da Scale of Ethnocultural Empathy**. *Psico*.

Universidade Federal do Vale do São Francisco Petrolina, Pernambuco – Brasil. 2012. SAMPAIO, R.F; MARCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidencia científica. **Rev. Bras. Fisioter.**, São Carlos, v.11, n.1, p.83-89, 2006.

SUARTZ, C. V; QUINTANA, M. I; LUCCHESI, A. C; MARCO, M. A. **Avaliação de Empatia em Residentes de Especialidades Clínicas e Cirúrgicas da Universidade Federal de São Paulo.** Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2013.

THOMAZI, L; MOREIRA, F. G; MARCO, M. A. **Avaliação da Evolução da Empatia em Alunos do Quarto Ano da Graduação em Medicina da Unifesp em 2012.** Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2013.

TITCHENER, E. B. **Lectures on the experimental psychology of the thought processes.** New York: Macmillan. 1909.

WAGNER, M. F; PICCININI, J; PICCININI J; PATIAS, N. D. Empatia, sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores do ensino superior. **Revista da SPAGESP.** São Paulo, 2019.